

**Mestrado***Instituto de Letras e Artes*

- Teoria da Literatura
  - Linguística Aplicada
  - ★ Recredenciado pelo Parecer nº 846/85 do C.F.E. de 5/12/85
- Informações: ILA – Fone (0512) 36-9400, ramal 176

*Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*

- História Ibero-Americana
  - História do Brasil
  - ★ Credenciado pelo Parecer nº 363/82 do C.F.E. de 8/7/82
- Informações: IFCH – Fone: (0512) 36-9400, ramal 295
- Antropologia Filosófica
  - Recredenciado pelo Parecer nº 818/84 do C.F.E. de 06/12/84
  - Sociologia da Sociedade Industrial
  - ★ Credenciado pelo Parecer nº 813/80 do C.F.E. de 11/7/80
- Informações: IFCH – Fone: (0512) 36-9400, ramal 189

*Instituto de Biociências*

- Zoologia
  - ★ Credenciado pelo Parecer nº 916/87 do C.F.E. de 9/11/87
- Informações: IBIO – Fone: (0512) 36-9400, ramal 148

*Faculdade de Odontologia*

- Cirurgia e Traumatologia Bucocomaxilofacial
  - ★ Recredenciado pelo Parecer nº 123/86 do C.F.E. de 21/2/86
- Informações: FO – Fone: (0512) 36-9400, ramal 123

*Faculdade de Educação*

- Aconselhamento Psicopedagógico (APP)
  - Administração de Sistemas Educacionais (ASE)
  - Métodos e Técnicas de Ensino (MTE)
  - ★ Recredenciado pelo Parecer nº 373/82 do C.F.E. de 9/7/82
- Informações: FED – Fone: (0512) 36-9400, ramais 220 ou 235

*Faculdade de Serviço Social*

- Metodologia do Serviço Social
  - ★ Credenciado pelo Parecer nº 491/86 do C.F.E. de 4/8/86
- Informações: FSS – Fone: (0512) 36-9400, ramal 248

*Faculdade de Direito*

- Direito Civil
  - ★ Criado pelo Conselho Universitário em 10/9/87
- Informações: FD – Fone: (0512) 36-9400, ramal 134

## INFÂNCIA: NA NARRATIVA LITERÁRIA, O ROTEIRO DA EDUCAÇÃO PELO MEDO

MARISA B. TEIXEIRA MENDES  
Universidade Sagrado Coração - Bauru

Graciliano Ramos, ao organizar a obra *Infância*<sup>1</sup>, dividiu-a em trinta e nove capítulos que, sem subdivisão em partes, dão conta das reminiscências com as quais o narrador adulto reconstrói os primeiros anos de sua vida, relatando as experiências, sensações e emoções vividas até os onze anos de idade. É uma trajetória no tempo e no espaço, desde as primeiras descobertas da realidade, num longo percurso em que o menino, a duras penas, aprende a ler o mundo e a palavra escrita, até descobrir o sentido da vida nos diferentes aspectos do relacionamento humano.

Ao final da leitura, percebe-se que a narrativa está estruturada em três etapas, definidas pela trajetória econômica da família Ramos através de diferentes espaços físicos. Do primeiro ao sexto capítulo estão as lembranças da família proprietária de terras em Alagoas. Do sétimo ao vigésimo quinto o leitor encontra a família na vila de Bulque, em Pernambuco, onde o sr. Ramos se tornou comerciante. Do vigésimo sexto ao trigésimo nono capítulo a família está novamente em Alagoas, instalada no largo principal da cidade de Viçosa com uma sociedade comercial de respeito.

Seguindo esse percurso determinado pela atividade econômica do chefe da família, o leitor vai percorrendo, do campo à cidade, os caminhos do menino vítima da educação pelo medo, na família, na escola e na vida, sob os domínios de Deus e o Diabo, impostos pela religião cristã.

Por esses caminhos, descritos numa linguagem expressionista, cheia de imagens irônicas e demoníacas, a visão de mundo da criança, bastante fragmentada e nebulosa (o primeiro capítulo se chama Nuvens), só vai-se tornando mais clara à medida que o menino cresce e aprende a ler, descobrindo nos livros informações e sensações que o ambiente jamais lhe passaria. As imagens demoníacas, marcadas pela fascinação do sofrimento e da morte, envolvem e

<sup>1</sup>RAMOS, Graciliano. *Infância* 17ª edição – Ed. Record – RJ – 1981. Os trechos da obra, citados na seqüência do trabalho, serão destacados pelas aspas, seguidos apenas do número da página.

deprimem o leitor, transmitindo-lhe um sentimento de angústia, por não entender, assim como o menino, esse mundo contraditório que, no Nordeste brasileiro do final do século 19 e início do século 20, se equilibrava entre a extinção do trabalho escravo e a implantação do trabalho assalariado, um mundo em que os resquícios de uma organização familiar patriarcalista faziam da criança o bode-expiatório dos problemas sociais. Está claro que o leitor não chega a essa conclusão através da visão da criança, mas as reflexões do narrador adulto se encarregam de concluir que o mal que atinge o menino é consequência da estrutura social, ao analisar, por exemplo, no terceiro capítulo, a decadência do proprietário rural: "Meu pai era terrivelmente poderoso, e essencialmente poderoso. Não me ocorria que o poder estivesse fora dele, de repente o abandonasse" (p.29). Mais adiante vem a explicação do adulto: "Hoje acho naturais as violências que o cegavam. Se ele estivesse embaixo, livre de ambições, ou em cima, na prosperidade, eu e o moleque José teríamos vivido em sossego. Mas no meio, receando cair, avançando a custo, perseguido pelo verão, arruinado pela epizootia, indeciso, obediente ao chefe político, à justiça e ao fisco, precisava desabafar, soltar a zanga concentrada. Apenava o devedor e afligia-se temendo calotes. Venerava o credor e, pontual no pagamento, economizava com avareza. Só não economizava pancadas e repreensões. Éramos repreendidos e batidos." (p.30)

Para o leitor fica claro então que a trajetória da família foi determinada pelo sistema econômico e social: a família Ramos só se mudou de um espaço para outro porque o proprietário rural decadente se transformou no comerciante emergente, futuro membro da classe média urbana, a comprovar que a sociedade agrária não desampara nunca os filhos de proprietários rurais e sempre justifica os seus atos.

A seguir o estudo do texto de Graciliano Ramos se desenvolverá em três partes, analisando mais detalhadamente cada uma das etapas da narrativa anteriormente identificada. E para não perder o sentido do todo, em cada etapa os elementos destacados serão aqueles que formam a unidade da obra: o medo como princípio educacional – a família, a escola e a igreja como defensores desse princípio.

### 1 – Um menino perdido nos caminhos do medo

Logo no primeiro capítulo ficam definidas as linhas que vão costurar a tessitura da narrativa: "estremecimentos que me aparecem hoje como rasgões num tecido negro. Passam através desses rasgões figuras indecisas" (p.11) São as figuras humanas que compõem o mundo em que o menino nasceu: a fazenda e seu ambiente rural. Nesse mundo reinavam o pai, a mãe, os avós que apareciam de vez em quando, os empregados – Amaro Vaqueiro, sua mulher Sinha Leopoldina, José Bala – em meio aos elementos da paisagem agreste: a casa, de janelas sempre fechadas, o pátio diante do copiar, o açude, a vazante das abóboras. Era um tempo e um espaço em que o menino se sen-

ta oprimido e agredido: "Datam desse tempo as minhas mais antigas recordações do ambiente onde me desenvolvi como um pequeno animal." (p.12). Da opressão e agressão do ambiente só podia resultar o medo do menino: "ouço pancadas, tiros, pragas, tilintar de esporas, batecum de sapatões no tijolo gasto. Retalhos e sons dispersavam-se. Medo. Foi o medo que me orientou nos primeiros anos, pavor." (p.14)

O pai, jamais mencionado pelo nome, é a figura maior desse mundo, a voz de comando, a mão que castiga: "um homem sério, de testa larga, uma das mais belas testas que já vi, dentes fortes, queixo rijo, fala tremenda..." (p.16) A mãe, cujo nome – D. Maria – só apareceu no primeiro capítulo, era a continuidade e o reforço amargo da autoridade paterna: "uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza, sempre a mexer-se, bossas na cabeça mal protegida por um cabelinho ralo, boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura." (p.16) Duas figuras demoníacas, principalmente a mãe, julgada com maior severidade.

Nesse contexto familiar o carinho, o amor, a compreensão não existiam, nenhuma atenção especial para a criança, conforme determinava a ideologia familista da burguesia européia desde o final do século 18. No sertão nordestino do fim do século 19 os viventes miúdos – cachorros e crianças – só podiam temer e obedecer, nunca amor e compreender! "O mundo era complicado." (p.15)

No segundo capítulo o menino começa a perceber clarões na escuridão que o cerca, entendendo aos poucos o que acontecia a sua volta: "Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa. Acordei, reuni pedaços de pesosas e de coisas, pedaços de mim mesmo que boiavam no passado confuso, articulei tudo, criei o meu pequeno mundo incongruente". (p.20) Se o mundo era complicado, ao tentar compreendê-lo, o menino descobre que ele é incongruente: "Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes" (p.21)

É no terceiro capítulo que aparece pela primeira vez a palavra **diabo**, embora o "demoníaco" estivesse presente na narrativa desde o início, seja na descrição dos pais, seja na angústia do menino que não sabe porque é castigado. Agora o narrador concretiza a imagem: "Pela primeira vez falaram-me no diabo. É possível que tenham falado antes, mas foi aí que fixei o nome deste espírito: sem conhecê-lo direito, soube que ele andava solto nos redemoinhos que varriam o pátio, misturado a folhas e garranchos". (p.27) Naquele mundo agrário e agreste, o demônio estava bem próximo, parte integrante da vida cotidiana.

No capítulo seguinte – O cinturão – está a lembrança mais dolorida dessa infância sofrida: a surra que o pai lhe deu, sem motivo nenhum, simplesmente

porque não encontrava um cinturão. Af o leitor encontra todo o desespero do menino de quatro ou cinco anos, um réu sem culpa declarada, como o narrador de *Memórias do cárcere*<sup>2</sup>. E o adulto conclui: "Foi esse o primeiro contacto que tive com a justiça." (p.35) Só a ironia do narrador poderia chamar de "justiça" o exercício do poder na família patriarcal/burguesa.

O sexto capítulo, que encerra o ciclo da fazenda na trajetória do menino, traz de volta a insegurança e o medo: o menino deixava um mundo hostil, mas conhecido, e se preparava para enfrentar um mundo novo, desconhecido e cheio de mistérios. As figuras amigas de Amaro e José Bafa não mais existiam para protegê-lo: "Longe da fazenda, considere-me fora da realidade e só". (p.46).

## 2 – Penetrando os mistérios do mundo e da palavra escrita

A segunda etapa da narrativa caracteriza-se por localizar a família Ramos num tempo e espaço novo – a vila Buque em Pernambuco – consequência da nova atividade econômica do pai: comerciante estabelecido no Largo da Feira, depois numa esquina perto do Cavalão-Morto, zona imprópria e mal afamada, porque a mãe implicara com a primeira casa, que tinha manchas no chão de tijolos.

Para o menino esta mudança significou, além de uma nova imagem do pai – "Meu pai, negociante, concordava com todos" (p.53), a descoberta de um mundo estranho – "absurdo alguém viver num lugar onde se apertavam tantas casas" (p.47) – que ele temeu a princípio, mas aprendeu a conhecer e a entender. Neste ambiente ele iria percorrer os caminhos escuros da leitura do mundo e da palavra escrita.

Como o menino entrou em contato com este mundo novo o leitor descobre nos capítulos "A vila" e "Vida nova". No primeiro, a descrição dos elementos que compunham o ambiente através de uma visão surrealista da vila é a imagem do jogo de forças entre o desejo de vencer e o medo e a insegurança diante do desconhecido: "Buque tinha a aparência de um corpo aleijado: o Largo da Feira formava o tronco; a Rua da Pedra e a Rua da Palha serviam de pernas, uma quase estirada, a outra curva, dando um passo, galgando um monte; a Rua da Cruz, onde ficava o cemitério velho, constituía o braço único, levantado; e a cabeça era a Igreja de torre fina, povoada de corujas." (p.49) Se pudesse ridicularizar o inimigo, o menino transformaria a sua fraqueza em força. Ao atribuir formas de monstro à vila o narrador mostra os poderes do inimigo, mostra como funcionava aquele corpo social, onde estava a cabeça, responsável pelas idéias, onde estava o tronco, aparelho digestivo responsável pela sustentação econômica, e onde estavam os membros, um só braço, duas pernas que faziam o corpo caminhar. A Igreja – cabeça – era amparada pela es-

cola, por sua vez seguida de perto pelas forças armadas: "... as janelas do Vigário espilavam as da escola pública..." (p.49-50). Havia outra escola, particular, melhor que a pública, "na opinião dos pais de família" (p.50). "Perto dessa escola instalavam-se o quartel da polícia e a cadeia." (p.50) E até o fim do capítulo está irônica e sutilmente delineada a estrutura social da vila, com sua política, sua justiça, figuras importantes e significantes, conceitos e preconceitos, numa sucessão em que se misturam as impressões do menino e as reflexões do narrador adulto. É este que conclui: "O juízo dos homens era esquisito. Bem esquisito". (p.56)

Foi nesse mundo, aleijado e esquisito, que o menino descobriu as forças que moviam a vida e que seriam responsáveis pela sua educação: a família, a Igreja e a escola. E é nessa ordem que a narrativa vai-se desenvolvendo.

No capítulo seguinte – Vida nova – o leitor descobre as determinações da família (burguesa na estrutura física, patriarcal na estrutura psico-social) em relação às crianças: "Vivíamos numa prisão, mal adivinhando o que havia na rua..." (p.59) A poucos metros, numa outra casa, três meninos, filhos de Teotoninho Sabiá, viviam soltos, alegres, brincando. "Observávamos pedaços de vida, namorávamos o ciltão da outra gaiola, aberta, e tínhamos inveja imensa dos Sabiás pequenos, desejávamos correr e voar como eles". (p.60) Mas os filhos do proprietário rural que se tomava comerciante, mas conservava os hábitos do patriarca, não podiam sair pelas ruas, misturar-se às outras crianças, contaminar-se.

Os capítulos que se seguem mostram a força da Igreja e da religião cristã. Padre João Inácio – de família patriarcal, autoritário, injuriando os pequenos: "raça de cachorro com porco" (p.50), era aos olhos do menino "uma espécie de lobisomem criado para forçar-nos à obediência". (p.64) Era a própria imagem da Igreja agreste do Nordeste brasileiro, o vigário/patriarca que precisava inspirar medo para sustentar sua autoridade.

"O fim do mundo", "O inferno" são os dois capítulos em que aparecem as idéias difundidas pela Igreja a respeito do pecado e do castigo divino: "Afinal minha mãe rebentou em soluços altos, num choro desabalado. (...) Estava escrito nos desígnios da Providência, trazidos regularmente pelo correio. Na passagem do século um cometa brabo percorreria o céu e extinguiria a criação: homens, bichos, plantas (...) Antigamente a cólera de Deus exterminara a vida com água; determinava agora suprimí-la a fogo". (p.72) O menino, sempre impotente e fraco, desta vez resistiu ao medo imposto, disse à mãe que ela podia ter-se enganado. A mãe tentou minar sua resistência, provar que os folhetos cristãos não podiam se enganar. "Recusei o vaticínio, firme. Conversa: o mundo não ia acabar. Um mundo tão vasto, onde se arrumavam desafogadamente a vila e a fazenda, resistiria." (p.75) Para o menino, maior que Deus, poder abstrato, era a propriedade, os poderosos da vila, Padre João Inácio à frente deles.

<sup>2</sup>RAMOS, Graciliano, *Memórias do Cárcere*, 14ª edição, Record, RJ, 1981.

À idéia do inferno a resistência do menino foi mais forte ainda e a mãe, desesperada por não conseguir convencê-lo, deu-lhe várias chineladas. Nem assim o pequeno aceitou a existência daquele "lugar ruim, para onde as pessoas mal-educadas mandavam outras, em discussões." (p.78) Nesse tempo o menino, que ainda não aprendera a ler, já percebia o absurdo que era crer na existência de um lugar onde "os moradores, péssimos, torturados por demônios de rabo e chifres, viviam depois de mortos em fogueiras maiores que as de S. João e em tachas de breu derretido." (p.78) O menino resistiu bravamente, perguntou à mãe se ela tinha estado lá, se os padres tinham estado lá. Apanhou, mas não aceitou a idéia do inferno. Neste capítulo não há qualquer referência a Deus, como no caso do fim do mundo, para justificar o castigo eterno.

Mas há um capítulo – O incêndio – que descreve a destruição de uma cabana pobre pelo fogo, com o agravante da pretinha que morreu queimada porque tentara salvar uma imagem de Nossa Senhora, em que Deus aparece como o responsável pela tragédia, que não é vista no entanto como castigo, mas como prêmio. Os pais do menino lhe explicam que "era a vontade de Deus, estava escrito. E podia ser pior, muito pior. Se se tivesse queimado a igreja ou a loja de seu Quinca Epifânio, a mais importante da vila, o dano seria tremendo. Deus era misericordioso: contentava-se com uma habitação miserável, situada longe da rua, e com o sacrifício de uma preta anônima." (p.93) O menino não se convenceu, nesse tempo já tinha senso crítico suficiente para ver que esse Deus era absurdo, não podia ser aceito. Quando lhe disseram que a negrinha morrera queimada por generosidade da Virgem Maria, que assim a levava direto para o céu, sem passar pelo purgatório, fogo pior que o do incêndio da cabana, o menino mais uma vez encontrou forças para não aceitar: "Essa esquisita benevolência deixou-me perplexo. Calei-me, prudente, mas achei o comentário duvidoso e embrulhado." (p.95)

Entre o inferno e o incêndio, está o moleque José, no fogo da vida, para mostrar que os negros, na escravidão ou depois dela, eram insignificantes, anônimos, feitos para a ira dos Senhores da terra ou do Senhor do céu: "A preta Quitéria engendrou vários filhos. Os machos fugiram, foram presos, tornaram a fugir – e antes da abolição já estavam meio livres. Sumiram-se. As fêmeas, Luísa e Maria, agregaram-se à gente do meu avô, Maria, a mais nova, nascida fora, nunca deixou de ser escrava." (p.82) Este trecho comprova a situação dos negros na sociedade brasileira: "O moleque José, tortuoso, sutil, falava demais, ria constantemente, suave e persuasivo, tentando harmonizar-se com todas as criaturas. Repellido, baixava a cabeça (...) Haviam obrigado o moleque a tratar-me por senhor..." (p.83). O menino o admirava, invejava-lhe a resistência, "tomava-o por modelo." (p.83). O chefe da casa surrava-o e o negrinho o chamava de "meu padrinho", implorando clemência "pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo." (p.87)

Quatro capítulos são dedicados às reminiscências do sistema de ensino que levou o menino a conhecer o "inferno" nos penosos caminhos da língua es-

crita. No capítulo "Leitura" o leitor vê o menino surpreso com o pai perguntando-lhe um dia, em que descobrira uns cadernos cheios de "borrões, nódoas cobertas de riscos semelhantes aos dos jornais e dos livros" (p.104), se ele não desejava aprender a ler e tornar-se "um sujeito sabido como Padre João Inácio". (p.104) Ele respondeu que não e estranhou muito a pergunta: "Em geral não indagavam se qualquer coisa era do meu agrado: havia obrigações, e tinha de submeter-me. A liberdade que me ofereciam de repente, o direito de optar, insinuou-me vaga desconfiança. Que estaria para acontecer?" (p.105)

Foi assim que começou para o menino a aprendizagem da língua escrita, o próprio pai ensinando-lhe os nomes das letras: "– e iniciou-se a escravidão imposta arditosamente". (p.105) Nesse regime o escravo da aprendizagem apanhava muito: "E o côvado me batia nas mãos." (p.107) Mas as mãos inchadas, vermelhas, doloridas não eram eficientes como método de ensino, pois o menino não conseguia desvendar o enigma das letras: "Jogaram-me simultaneamente maldades grandes e pequenas, impressas e manuscritas. Um inferno." (p.107)

Esses primeiros contatos do menino com as letras foram momentos de "tortura", "suplício", cenas terríveis: "berros, cólera imensa a envolver-me, aniquilar-me, destruir os últimos vestígios de consciência, e o pedaço de madeira a martelar a carne machucada." (p.108) Sobre esse pai, pequeno burguês comerciante, ao mesmo tempo chefe patriarcal e mestre medieval, conclui o narrador: "Certamente meu pai usara um horrível embuste naquela maldita manhã, inculcando-me a excelência do papel impresso." (p.109)

No capítulo "Escola" estão as imagens guardadas na memória do primeiro encontro com o saber escolarizado: "A notícia veio de supetão: iam meter-me na escola. Já me haviam falado nisso, em horas de zanga, mas nunca me vencera de que realizassem a ameaça. A escola, segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes. Eu me comportava direito: encolhido e momo, deslizava como sombra. (...) A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno." (p.113) O inferno era uma ameaça insustentável, era abstrato, assim como o fim do mundo e a justiça divina, mas a escola estava próxima, era concreta, tinha paredes, bancos, livros, cadernos e castigos físicos já experimentados. Como resistir? "Lavaram-me, esfregaram-me, pentearam-me, cortaram-me as unhas sujas de terra. E, com a roupa nova de fustão branco, os sapatos roxos de marroquim, o gorro de palha, folhas de almagô numa caixa, penas, lápis, uma brochura de capa amarela, saf de casa, tão perturbado que não vi para onde me levavam. (...) Tinham-me domado. Na civilização e na fraqueza, lá para onde me impeliam, muito dócil, muito leve, como os pedaços da carta do A B C, triturados, soltos no ar." (p.117)

No capítulo seguinte – D. Maria – uma surpresa: a professora da escola particular, para onde iam os filhos da burguesia, o esperava de braços e cora-

ção aberto, sem gritos, sem repreensões, sem castigos: "O mundo dela era o nosso mundo, af vivia farejando pequenos mistérios nas cartilhas. Tinha dúvidas numerosas, admitia a cooperação dos alunos, e cavaqueiras democráticas animavam a sala." (p.120) É a primeira e única vez que a narrativa se refere à "democracia", uma democracia ingênua, surgida espontaneamente da bondade de uma senhora, que era "ignorante" o suficiente para deixar os alunos errarem e não dar atenção aos princípios da educação pelo medo: "A escola exigia palmatória, mas não consta que o modesto emblema de autoridade e saber haja trazido lágrimas a alguém. D. Maria nunca o manejou. Nem sequer recorria às ameaças." (p.121)

E o mistério das letras começou a desvendar-se e distanciar-se da imagem do "inferno". Mas veio o segundo livro: "volume feio, com um retrato barbudo e antipático. Ericel-me, pressenti que não sairia boa coisa daí". (p.125) Eis o menino diante do Barão de Macaúbas.

Logo de início o menino estranha a linguagem esquisita e confusa e as histórias com personagens muito distanciados da realidade, absurdos: "O passarinho, no galho, respondia com preceito e moral. E a mosca usava adjetivos colhidos no dicionário. A figura do barão manchava o frontispício do livro – e a gente percebia que era dele o pedantismo atribuído à mosca e ao passarinho. Ridículo um indivíduo hirsuto e grave, doutor e barão, pipilar conselhos, zumbir admoestações." (p.128)

O menino sentia-se perdido, não encontrava prazer na leitura, a tabuada e o catecismo o atormentavam: "E se o catecismo tivesse para mim algum significado, pegar-me-ia a Deus, pedir-lhe-ia que me livrasse do Barão de Macaúbas." (p.129) E como se não bastassem as histórias do Barão, veio um manuscrito de Camões: "Aos sete anos, no interior do Nordeste, ignorante da minha língua, fui compelido a adivinhar, em língua estranha, as filhas do Mondego, a linda Inês, as armas e os barões assinalados. Um desses barões era provavelmente o de Macaúbas, o dos passarinhos, da mosca, da teia de aranha, da pontuação, Deus me perdoe. Abominei Camões. E ao Barão de Macaúbas associei Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, o gigante Adamastor, barão também, decerto." (p.130)

Fazem parte ainda da segunda etapa da narrativa alguns capítulos que descrevem figuras marcantes na vida do menino em Buíque: o avô materno, poderoso senhor de escravos e de terras – o vizinho Chico Brabo, amável na rua com todos, feroz e cruel em casa com seu pequeno criado – o negociante José Leonardo, que respondia a todas as perguntas do menino, sem apeará-lo – Mocinha, a irmã natural, que se perdeu pelos caminhos do mundo – Antônio Vale, o fazendeiro freguês da loja – além de um capítulo especial – Ceguelra – que mostra, da maneira mais dolorosa, a rejeição da mãe pelo menino: "Minha mãe tinha a franqueza de manifestar-me viva antipatia. Dava-me dois apelidos: bezerro-encourado e cabra-cega." (p.139)

O menino se sentia um intruso na vida da mãe. "Bezerro-encourado" era o nome dado à cria que deveria ser amamentada pela vaca que perdia o bezerro. Tiravam o couro do bezerro morto e cobriam o outro, para que o animal sentisse o cheiro da sua cria e aceitasse a cria adotiva. "Cabra-cega" surgiu por causa da doença nos olhos, que manteve o menino muitas semanas "na treva, o rostio oculto num pano escuro, tropeçando nos móveis..." (p.138). Nem durante esse período a mãe lhe deu carinho e atenção, só o chamava pelos apelidos. O mais dolorido para o menino era ser chamado de bezerro-encourado: "Essa injúria revelou muito cedo a minha condição na família: comparado ao bicho infeliz, considere-me um pupilo enfadonho, aceito a custo." (p.139)

Realmente era muito difícil para o menino aceitar o mundo em que vivia, quanto mais o conhecia, mais entendia que ele era complicado: "Decerto havia nos filhos de Deus muito desconchavo e muita rabugem. Poucos chegavam, como D. Maria, a apresentar serenidade invariável, resistente a dores de barriga e enxaquecas. Mas, D. Maria, a velha professora quase analfabeta, aproximava-se da santidade. Os outros viventes possuíam virtudes e defeitos, com desvios e oscilações." (p.151)

### 3 – Lendo, vendo, ouvindo: a trajetória da aprendizagem até o amor e o sexo

A terceira etapa da narrativa começa com o capítulo Mudança, relatando a volta da família Ramos para Alagoas, a fim de fixar-se no município de Viçosa com um estabelecimento comercial maior que o primeiro e de mais prestígio: "A sociedade comercial Ramos & Costa, explorando o negócio de fazenda, miudeza, ferragem e perfumaria..." (p.173) Os filhos das famílias patriarcais não chegavam nunca à miséria, nem deixavam de ser respeitados: "Evidentemente a situação econômica de meu pai era razoável. Emigrara, enclacurara-se, mas recomposera-se, e, graças às cargas de fazenda, tranquilizava os parentes. Os mais graúdos perceberiam de longe a existência dele; os pequenos se chegariam, flexíveis, exaltando-o." (p.170)

Nesta última etapa, com as novas figuras humanas surgidas na vida do menino, o narrador confirma as imagens já transmitidas: submisso à autoridade paterna, o pequeno continua sofrendo a violência física e psíquica do sistema de educação pelo medo, com seus preconceitos e injustiças, mas resiste ao envolvimento ideológico da igreja. Porém a perplexidade diante da vida vai diminuindo à medida que a libertação vai surgindo com a aprendizagem da leitura, o caminho da aprendizagem levando-o a conhecer o amor e o sexo e preparando-o para ser o futuro escritor que, através de uma narrativa expressionista, chegaria à compreensão final dos mistérios da vida e à superação dos traumas dessa infância oprimida pela autoridade daqueles que na terra representavam Deus e o Diabo, os poderes supremos.

Uma nova escola faz o menino sentir muitas saudades da antiga mestra, paciente e bondosa: "Matriculei-me na escola pública da professora Maria do O, mulata fosca, robusta em demasia, uma das criaturas mais vigorosas que já vi. Esse vigor se manifestava em repelões, em berros, aos setenta ou oitenta alunos arrumados por todos os cantos." (p.174) Lá estava o menino às voltas com o Barão de Macaúbas e com mais um problema intrincado: "no interior de Pernambuco havia 1899 depois dos nomes da terra e do mês; escrevamos agora 1900, e isto me emburrou o espírito." (p.174) Isso levou o menino de oito anos a duvidar da instrução pública de Alagoas e a considerar a nova data um erro. A criança não tinha direito a perguntas e as explicações não eram dadas: "permaneci obtuso, odiando as vírgulas e o catecismo, só abrindo os volumes sujos à hora da lição." (p.175) A autoridade vinha do céu e do inferno, não podia ser questionada.

D. Maria do O batia nos alunos brandindo a palmatória. Com mais três tias velhas, vingava-se, nos filhos dos antigos senhores, dos sofrimentos a que estes tinham submetido a sua raça. A última mais infeliz dessa vingança era a prima Adelaide, filha de pais ricos, mas fraca e submissa. As mulatas mandavam a menina varrer o chão, humilhavam-na. E o antigo preconceito dos senhores de escravos manifestava-se no menino: "Coitada da minha prima, tão boa, tão dóbil, suportando as enxaquecas das miseráveis. Lugar de negro era a cozinha. Por que haviam saído de lá, vindo para a sala, puxar as orelhas de Adelaide?" (p.179) Os brancos, os senhores, podiam ser autoritários, os negros não! Não podiam nem ser professores!

"Tiraram-me da escola da mestiça, puseram-me na de um mestiço..." (p.188) O capítulo que fala do novo professor novamente vai misturar o ódio da escola e o preconceito racial: "era um tipo mesquinho, de voz fina, modos ambíguos, e passava os dias alisando o pixaim com uma escova de cabelos duros." (p.189) Esse preconceito já se manifestara no menino anos antes em Buíque: "Foi por esse tempo que o negro velho apareceu, limpo, de colarinho, gravata, botinas, roupa de cassineta, óculos. Estranhei, pois não admitia tal decência em negros..." (p.111)

O assunto predominante nesta etapa da narrativa é a escola e o aprendizado da leitura. Um só capítulo – Um intervalo – fala da igreja, para relatar o fracasso do menino ao tentar aproximar-se de Deus: "Seu Nuno quis transformar-me em ajudante de missa, e isto me atraiu, deixei-me suggestionar..." (p.193) Mas ao descobrir que, embora tivesse se afelçoado "aos toques de sino, ao cheiro de incenso" (p.194), não conseguia manejar os instrumentos sagrados, desistiu, "E a minha fé pouco a pouco arrefeceu: a liturgia encrocada afastou da igreja um ministro" (p.195) A experiência, para o menino, valeu pelas visitas à casa de seu Nuno, a familiaridade com a mulher e as filhas, gente agradável,

"Aos nove anos, eu era quase analfabeto". (p.199) Neste início do capítulo Os astrônomos, ficam bem definidos para o leitor os passos do menino nos caminhos da língua escrita. Nessa idade, ele ainda não conseguira desvendar o enigma das letras, nem o cívado do pai, nem a bondade da velha professora, nem a palmatória da vigorosa mulata, nem o descaso do mulato tinham conseguido fazer o menino decifrar o código escrito, código infernal a atormentá-lo sempre.

Uma nova professora, D. Angelina, com uma mãe caduca e uma filha, "mulata sarará enjoada e enxada" (p.199), continuava a tarefa: "Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício, uma crucificação. (...) Não há prisão pior que uma escola primária do interior." (p.200)

Uma noite o pai mandou-o pegar um livro e ler em voz alta: "Masgando as palavras, gaguejando, gemendo uma cantilena medonha, indiferente à pontuação, saltando linhas e repisando linhas, alcancei o fim da página, sem ouvir gritos" (p.201) De repente o pai tornou-se amigo, começou a explicar-lhe o sentido do texto: "traduziu-me em linguagem de cozinha diversas expressões literárias" (p.201) Na noite seguinte o pai pediu-lhe que continuasse a leitura e na terceira noite o menino foi buscar o livro espontaneamente, "mas o velho estrava sombrio e silencioso" (p.201) A luzinha, que começara a brilhar nas trevas do pequeno espírito, apagou-se. "E no dia seguinte, quando me preparei para moer a narrativa, afastou-me com um gesto, carrancudo. (...) Era como se tivesse descoberto uma coisa muito preciosa e de repente a maravilha se quebrasse. E o homem que a reduziu a cacos, depois de me haver ajudado a encontrá-la, não imaginou a minha desgraça." (p.202) Pai e leitura – dois obstáculos irremovíveis. O menino não conseguia superá-los, Deus e o Diabo eram muito fortes e poderosos.

Foi a prima Emília, linda moça, tuberculosa, a quem ele recorreu para terminar a leitura do livro, que o ajudou a desvendar o enigma das letras, falando-lhe dos astrônomos, "indivíduos que liam no céu, percebiam tudo quanto há no céu. (...) Ora, se eles enxergavam coisas tão distantes, porque não conseguiria eu adivinhar a página aberta diante dos meus olhos? Não distinguia as letras? Não sabia reuni-las e formar palavras?" (p.203) E a luz brilhou finalmente, o menino escondeu-se no quintal, "com os lobos, o homem, a mulher, os pequeninos, a tempestade na floresta, a cabana do lenhador" (p.203) e aprendeu a ler, graças à ajuda de "um anjo".

E veio o hábito de sentar-me num caixão de velas na loja, com um livro ou um dicionário no meio das pernas. E o menino que se sentia rejeitado, insignificante, confinado, conheceu a libertação através da leitura. E veio *O menino da mata e o seu cão Piloto*, cuja leitura a prima Emília dizia ser pecaminosa, "porque o livro era excomungado, escrito por um sujeito ruim, protestante, para enganar os tolos." (p.212) O menino se revoltou com essa intolerância, chorou, sentiu-se infeliz, mas não se atreveu a ler o livro. "Um pecado a apertar-me

como prensa. Eu era um pouco de algodão comprimido na prensa". (p.214) O anjo se transformara em demônio.

A descoberta do prazer da leitura, do verdadeiro valor dos livros se deu realmente quando o menino conheceu o tabelião Jerônimo Barreto e suas estantes cheias de livros, que ele namorava há tempos pela janela. E o menino conheceu Alencar, Macedo, Júlio Verne, Ponson du Terrail, "em folhetos devorados na escola, debaixo das laranjeiras do quintal, nas pedras do Paraíba, em cima do caixão de velas, junto ao dicionário que tinha bandeiras e figuras." (p.223) E pelos livros ele viajou, conheceu outras partes do mundo, outros tempos e outros hábitos. "A existência comum se distanciava e deformava; conhecidos e transeuntes ganhavam caracteres das personagens do folhetim. (...) Em poucos meses li a biblioteca de Jerônimo Barreto. Mudei hábitos e linguagem." (p.225)

A vida continuava com seus episódios e figuras desagradáveis: os demônios, Havia Fernando, parente do chefe político, desgraçando as meninas pobres, "que se rendiam por medo ou eram violentadas" (p.217). O chefe político "dispunha das pessoas e manipulava as autoridades, bonecos miseráveis." (p.216) Mandava surrar pessoas indesejáveis. Surgiam defuntos quase que diariamente, mas não havia denúncias de crime. "Essas noções me chegavam lentas e incompletas. Novo ainda, eu não entendia certas coisas." (p.218)

Surgiu na cidade uma sociedade teatral, um jornal, folha impressa em Maceió, que o menino ajudava a redigir. Tomara-se importante, participava de discussões literárias, começava a livrar-se dos demônios, entendendo a função deles na sociedade.

Antes de encerrar-se a narrativa, no penúltimo capítulo – A criança infeliz – mais um episódio para mostrar os caminhos da educação pelo medo. No colégio havia um menino, "pálido e medonho" (p.251), odiado por todos, desprezado, constantemente acusado e castigado pelo diretor, sem que ninguém soubesse qual era sua culpa: "Às vezes o homem se excedia: amarrava os braços do garoto com uma corda, espancava-o rijo, abria a porta, e a desesperada humilhação exibía-se aos transeuntes, fungava, tentava enxugar as lágrimas e assoar-se." (p.249) Esse menino, vítima dos demônios, acabou se tomando um deles. Aos quinze anos iniciou-se no crime, matou um homem, "homiziu-se em casa do chefe político e foi absolvido pelo júri." (p.251) Conseguiu bacharelarse e fundar um jornal. "Como o velho diretor, seu carrasco, fechara o estabelecimento e curtia privações, deu-lhe um emprego mesquinho e vingou-se." (p.252) Um dia foi assassinado.

O último capítulo – Laura – encerra a narrativa com o episódio que marca o fim da infância do menino: a primeira experiência sexual. "Aos onze anos experimental grave desarranjo." (p.253) – eram as manifestações físicas da pu-

berdade. O menino sentiu-se perplexo, achou que estava doente, não tinha costume de conversar francamente com a família, inquietou-se sozinho.

Surgiu a vaidade, cuidou do vestuário: "Obtive um terno de casimira, chapéu de feltro, sapatos americanos, uma gravata vermelha." (p.254) Foi então que conheceu Laura, num exame, em que o diretor do colégio elogiou a inteligência da menina: "Invadiu-me súbita admiração, que em breve se mudou numa espécie de culto." (p.254)

O primeiro amor perturbou a vida do adolescente. Ele não era mais um menino, a leitura agora era sua amiga e companheira, escrevia bem, os amigos viam nele um futuro escritor e Laura trouxe-lhe pesadelos, "angústia, arrepios." (p.257) Para não corromper o seu amor, ele sonhava com uma criatura sem corpo e sem alma. Mas o desejo surgia nos pesadelos: "E despertava arquejando, mordendo os beiços, em desespero. Bicho, bicho monstruoso – e afundava na tristeza, pedia a morte. As ilusões quebradas, em cacós. Tinha nojo de mim mesmo. Sujo, precisando de água e sabão." (p.257)

Um amigo quis ajudá-lo, vendo-o abatido, e sugeriu um encontro com Otília da Conceição. "Recusei a proposta, vexado. Propriamente não a recusei: fugi do assunto ignóbil." (p.259) Um dia o encontro aconteceu: "Otília da Conceição, à beira da cama, esperava em silêncio. Arriei sobre a mala pequena e, em silêncio também, comecei a descalçar-me. A vista se turvou, os dedos úmidos tremeram, o cordão do sapato deu um nó cego." (p.259)

Ao voltar para casa "nauseado, engolindo soluços" (p.259), o menino transformado em homem procurou *O cortiço*, mas não sentiu vontade de lê-lo. "A figura que me perseguia à noite serenou e fugiu. E a outra, nuvem colorida, evaporou-se" (p.260) Deus e o Diabo não mais o atormentavam.

A narrativa, que começara com "nuvens espessas" terminou em "nuvem colorida". A vida continuava nebulosa, mas já havia cores! E nas cores dissiparam-se os poderes de Deus e o Diabo, poderes indistintos, pois ambos eram demoníacos.